

A primavera encontrou as flores

"No início era o ermo. Eram imensas solidões sem mágoa" (Vinícius de Moraes)

José Roberto Arruda

Em apenas três décadas Brasília mudou de cor. Deixou de ser a cidade vermelha, dos redemoinhos de terra, ou a cidade cinza, e seca, das obras de concreto em meio às árvores tortas do cerrado virgem.

Hoje é um grande parque de imensos gramados, cuja vegetação se adensa e vai assumindo a bela fisionomia de um sereno bosque, com o verde sendo interrompido, aqui e ali, pelos canteiros de flores.

Essa transformação, fruto de um compromisso permanente da cidade com o meio ambiente, colocou Brasília na honrosa posição de liderança em área verde por habitante no mundo.

Aqui, são mais de 100 m² de área verde por habitante, contra 0,5 m²/hab em São Paulo e menos de 10 m²/habitante na maioria das grandes cidades.

O que era impensável aconteceu.

No início da construção da nova capital, nos últimos anos da década de 50, não existia propriamente uma paisagem no lugar. Só a beleza pura e despojada de um gigantesco horizonte, de cerrado e céu azul, cantada por Vinícius e Tom Jobim na belíssima sinfonia da Alvorada. Era o espaço despido que esperava, consciente e calmo, o seu destino.

Depois, criou-se um lago no represamento das águas, pelas mãos dos pioneiros; mudou-se o microclima e iniciou-se um meticuloso trabalho de estudo, experiências e plantio de espécies locais de vocação ornamental, além das trazidas, de outras regiões, pelas mãos abnegadas de agrônomos e práticos que se sucediam no Departamento de Parques e Jardins da Novacap. A mesma empresa que construiu Brasília, no seu 36º aniversário, a faz verde.

A generosidade do Sol e a pureza da água abrigaram a abnegação dos

jardineiros, vencendo-se, pouco a pouco, a relativa rudeza do solo.

A custa de muito trabalho e de uma consciência ecológica arraigada no espírito da cidade, surgiu uma cultura que superou a descontinuidade administrativa das mudanças de governos, as crises de euforia e de pessimismo, a instabilidade dos orçamentos, os sustos acelerados da ocupação do espaço urbano, as variações modistas da consciência ecológica e tantos outros fatores potenciais de desestabilização.

Criaram-se os dois grandes viveiros da Novacap, os parques de preservação ecológica, plantou-se, em 30 anos, milhões de árvores e 50 milhões de metros quadrados de gramados.

Hoje Brasília convive naturalmente com o verde.

Nos mesmos viveiros que nasceram as mudas de árvores da cidade, do jacarandá à acácia, dos buritis às mangueiras de sombra, do tamboril ao jambo-vermelho, do jatobá à magnólia e ao ipê-roxo, nasceram depois as flores, pelas mãos abençoadas dos deficientes visuais. Eles, cegos, com mais tato dos que os que enxergam, produzem hoje mais de 900 mil mudas por mês de sálvia, petúnia, zínia, paget entre outras.

Dessas, 600 mil mudas dão cor aos 300 canteiros plantados na cidade, e o restante é vendido, nos viveiros, para os habitantes que já aprenderam o caminho da beleza daqueles espaços urbanos.

Tudo isso com a contratação, pelo salário mínimo, de apenas 38 deficientes físicos, que se somaram ao quadro de funcionários antigos do Parques e Jardins.

As flores têm o custo da criatividade, da pesquisa de 30 anos. Custam menos que dois abrigos de ônibus por mês ou menos que a energia elétrica consumida por cem postes de luz.

Uma visita aos viveiros da Nova-

cap não faz mal a ninguém. Lá se pode desvendar um trabalho tenaz, paciente e sistemático de seleção, observação, adaptação e plantio das espécies.

Nos viveiros encontra-se o espírito otimista dos pioneiros, a mão do prefeito Plínio Cantanhede, a herança do engenheiro Stênio Bastos, o trabalho sensível de Ozanan e de toda uma equipe de plantadores de beleza natural.

Aquela é uma terra encharcada de amor, e por isso fértil, nascida da vocação botânica e ecológica dos que escolheram o Sítio Castanho para a localização da nova capital.

Brasília se veste de verde e se enfeita de flores, transforma-se em muitos jardins, que falam à sensibilidade.

Este é o ano da Conferência Internacional do Meio Ambiente.

Aqui em Brasília, no próximo mês de novembro, se dará a Conferência Mundial Interparlamentar do Meio Ambiente, no Centro de Convenções.

Neste ano, que é um verdadeiro aniversário mundial da consciência ecológica, a primavera em Brasília chegou de mansinho, encontrando as flores teimosas que resistiram à seca, às críticas, e ao mau-olhado, as árvores adolescentes que já têm história, o verde simples e monumental dos amplos espaços, como a dar boas-vindas à nova estação.

E mais: vamos plantar, nos próximos 90 dias, outras 150 mil árvores em todo o Distrito Federal, mudas bem tratadas dos mesmos viveiros, nas ruas, praças e áreas livres, com a mesma certeza dos pioneiros: a de estar plantando futuras sombras, paisagens amenas e belas, esperanças incansáveis de uma cidade onde, segundo Lúcio Costa, a realidade é maior que o sonho.

■ José Roberto Arruda é secretário de Obras do Distrito Federal